

# Interioridade e Exterioridade em Mestre Eckhart e Jacob Boehme

## *Interiority and Exteriority in Meister Eckhart and Jacob Boehme*

Carlos Bezerra de Lima Júnior\*  
Renan Pires Maia\*\*

Recebido em: 02/2016  
Aprovado em: 05/2016

**Resumo:** O presente estudo aborda os conceitos de interioridade e exterioridade ou homem interior e exterior em Mestre Eckhart e Jacob Boehme na intenção de explicitá-los como chaves de compreensão do pensamento de ambos os autores e de aproximação dos mesmos, bem como apontar os dois autores como precursores da tradição filosófica alemã moderna, sobretudo do idealismo alemão. Nota-se que dentro do cristianismo os dois conceitos já aparecem desde a Bíblia, e também no neoplatonismo: tradição recebida por Mestre Eckhart, que influenciou o pensamento de Jacob Boehme. Tais conceitos são paradigmas para a antropologia, ontologia e ética dos dois autores. Interioridade e exterioridade são conceitos que dão abertura filosófica a noções como transcendentalismo e imanentismo, o que justificaria a importância de se entender o pensamento desses dois autores como fundamental para o advento da modernidade.

**Palavras-chave:** Interioridade e exterioridade. Mestre Eckhart. Jacob Boehme. Filosofia alemã.

**Abstract:** This study approaches the concepts of interiority and exteriority or interior and exterior man in Meister Eckhart and Jacob Boehme in an attempt to explain them as keys to comprehension of the thought of both authors and to approximate them, as well as to identify the two authors as precursors of modern German philosophical tradition, especially the German idealism. Note that within Christianity the two concepts already appeared since the Bible, and also in Neoplatonism: tradition received by Meister Eckhart, who influenced the thinking of Jacob Boehme. Such concepts are paradigms for anthropology, ontology and ethics of both

---

\* Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba

\*\* Graduado em Psicologia, Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba

authors. Interiority and exteriority are concepts that give philosophical openness to notions such as transcendentalism and immanentism, which would justify the importance of understanding the thought of these two authors as fundamental to the advent of modernity.

**Keywords:** Interiority and exteriority. Meister Eckhart. Jacob Boehme. German philosophy.

## **Introdução**

Em diferentes tradições e religiões pode-se detectar a presença de certa contraposição ou distinção entre o que se entende por espírito e o que se entende por corpo. Na tradição cristã, essa distinção aparece em diferentes pensadores como distinção entre interioridade e exterioridade, ou como homem interior e homem exterior, sendo este o homem que se define pelo contato com o mundo externo, pelos cinco sentidos, e aquele o homem que está além da simples carnalidade e do mundo sensível, podendo se colocar em um estado de comunhão com Deus.

Já na bíblia, por exemplo, encontram-se referências a isso nas cartas paulinas: “no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus”,<sup>1</sup> “mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia”<sup>2</sup>, e “vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior”<sup>3</sup>. Na verdade, São Paulo parece ter introduzido esses conceitos à tradição cristã, mas já estão presentes em diversas fontes, sobretudo no paganismo neoplatonista. Também pode-se encontrar essa distinção entre interioridade e exterioridade de modo claro em Santo Agostinho, que no *De Vera Religione*, afirma que no interior do homem habita a verdade e no *De Magistro* fala que a Verdade não é apreendida através da exterioridade, pelas palavras que percutem nos ouvidos, mas no interior, sendo ensinada por Cristo.

Todavia, esse tipo de divisão do homem não representa necessariamente um dualismo, como no gnosticismo ou no maniqueísmo, mas pode ser tomado como um princípio de integração do homem, ou de unidade – o que provavelmente não causou problemas significativos de interpretação ao longo dos séculos no interior da ortodoxia cristã. Sendo que o homem a

que se refere sendo exterior ou interior é, todavia, homem – daí a integração.

Como dito anteriormente, a distinção entre homem interior e exterior é recorrente na tradição teológica e filosófica cristã, mas é possível dizer ainda que é uma constante nas obras místicas. A filosofia alemã foi, durante muitos séculos, uma filosofia de caráter fortemente místico, onde a teologia apofática e a dialética da interioridade-exterioridade se consolidaram como traços marcantes, por vezes mais destacados, por vezes mais sutis.

Podemos mapear tais traços em Mestre Eckhart e em seu discípulo Johannes Tauler, que por sua vez foi, reconhecidamente, de grande influência para Lutero, que em diferentes escritos enaltece a filosofia alemã, de caráter místico, neoplatônico e agostiniano, em detrimento da filosofia de caráter mais escolástico e racionalista. Assim, a tradição mística foi passada adiante também para dentro do luteranismo e lançou raízes na filosofia alemã modernidade adentro através de nomes como os de Jacob Boehme, que por seu turno influenciou os mais importantes nomes do pensamento alemão, tais como Angelus Silesius, Novalis, Franz von Baader, Schelling, Hegel, Schopenhauer etc. Não se sabe se Boehme teve contato com as obras de Eckhart ou de Tauler, mas sem dúvidas podemos dizer que Boehme herda uma tradição mística genuinamente alemã que dava seus primeiros passos nos tempos de Eckhart ou ainda um pouco antes, nos tempos de Hildegard de Bingen.

Tendo como horizonte a transmissão conceitual entre esses pensadores, dada a originalidade de Eckhart e de Boehme, mas que ao mesmo tempo se mostra laçada entre si e proeminente enquanto elementos formativos da mentalidade e intelectualidade alemã que se lançou como herança para os filósofos posteriores, o presente artigo se propõe a explorar aproximações e distanciamentos nos pensamentos de Eckhart e Boehme no tocante aos conceitos de interioridade e exterioridade, ou homem interior e homem exterior.

### ***Mestre Eckhart***

No sermão latino 22, Eckhart (LW 4, p. 190)<sup>4</sup> diz que o homem

Se distingue entre homem exterior e homem interior. O exterior é o homem velho, terreno, deste mundo, que envelhece “de dia em dia”. Seu fim é a morte, ele necessita dos sacramentos e do ensino da sensibilidade; como diz o Salmo: “todo homem é mentiroso”. O quanto não tem do intelecto, tanto tem de falso. O homem interior é, contudo, o homem novo, celestial, o qual Deus ilumina.<sup>5</sup>

Em vários momentos de sua obra, Mestre Eckhart lança mão desses dois termos: interior e exterior. Por vezes o autor enunciará o homem interior e o exterior como sendo o mesmo homem em perspectivas diferentes. O primeiro homem está em união com Deus, e é muito mais sutil: nele não há alteridade Deus-homem. Seria o homem em seu aspecto espiritual. A segunda é o homem provido de ligações com a criação, com os sentidos, dependente do mundo afora, portanto, corpóreo.

O homem exterior faz parte da Criação. Envolvido pela Criação, envolto de criaturas. Esse homem está imerso no lugar em que todas as coisas são relativas. O homem exterior está sempre servido de seus sentidos e, por onde for, encontrará privações. Assim como os animais, o homem exterior é preso ao tempo, é condicionado à duração. Em outras palavras, o homem exterior está entregue à relação objetiva para com o mundo.

Por sua vez, o homem interior trava uma luta contra o exterior, em função de chegar a Deus. Este homem interior pode ser entendido como é o que há de austero no homem, o que há de espiritual e condicionado à união mística com Deus. Este homem representa para o autor a pureza em que Deus quer engendrar e engendra sempre o Verbo, desde a eternidade, em liberdade. O ser humano interior não se entrega às sensações, não se prende a nada.

Mas fica claro também que os sentidos podem ser úteis. Eckhart é um pensador que não entende a viagem espiritual e a experiência mística como um isolamento de corpo e alma, em que o homem se retira do mundo totalmente, virado para uma parede branca, ou em intensos jejuns e vigílias no deserto. Embora considerasse essas coisas boas, o autor deixa claro que essas obras ainda são negociatas do homem com Deus (DW 1, p. 8). Deus se dá apenas gratuitamente, na simplicidade que Ele mesmo é.

Pois, os sentidos podem ser úteis quando o homem os usa como algo que tem como finalidade fortalecer esse próprio lado

do ser humano interior. Isto é: o homem que faz uso dos cinco sentidos como fins em si mesmos é o exterior. Porquanto que o homem interior os utiliza como meios para chegar a Deus. Quando se domina os sentidos, é lícito ao homem interior fazer uso deles – mas o contrário ocorre com o homem exterior, que é conduzido pela sensibilidade. Mestre Eckhart (1991, p. 153-154) no seu tratado *Sobre o Desprendimento* diz:

Em cada ser humano há dois homens diferentes: um se chama o homem exterior, isto é, o ser sensitivo; serve-se dos cinco sentidos e, no entanto, o homem exterior atua em virtude da sua alma. O outro chama-se o homem interior, e é a interioridade do homem. Ora, deve saber que um homem espiritual e amante de Deus não recorre às potências da alma no homem exterior senão quando os cinco sentidos o necessitam; e a interioridade não se volta aos cinco sentidos senão enquanto é seu chefe e guia, guardando-os de se entregarem como os animais ao seu objeto sensível, tal como fazem certas pessoas que vivem na libertinagem dos seus desejos carnavais, e procedendo como animais sem razão; tais pessoas mais propriamente se chamam animais do que homens! E as potências que a alma possui para além daquilo que aplica aos cinco sentidos, ela as consagra inteiramente ao homem interior.<sup>6</sup>

Nesse trecho os dois tipos de homens estão em oposição. A preocupação do mestre a respeito de um perigo para a alma encontrado no homem exterior se dá enquanto o homem usa suas potências da alma em função do seu lado exterior. Eckhart (1991, p. 154) deixa explícito que

quando este homem se volta para uma coisa elevada e nobre, ela toma a si todas as potências que emprestou aos cinco sentidos, e então se diz que o homem está fora dos seus sentidos e arrebatado; pois seu objeto é uma imagem intelectual ou uma coisa intelectual sem imagem. [...] Cumpre que saibas porém, que o homem exterior pode estar ativo, enquanto o homem interior permanece totalmente livre e inalterado.<sup>7</sup>

Mestre Eckhart ilustra muitas vezes seus conceitos através de metáforas. Vê-se nesse ponto um caso em que ele expõe essa distinção entre homem interior e exterior da seguinte forma (ECKHART, 1991, p. 154):

Uma porta se abre e se fecha sobre um gonzo. Pois, eu comparo a tábuca externa da porta ao homem exterior, e o gonzo, ao homem interior. Ora, quando a porta se abre e se fecha, a tábuca externa se move de cá para lá; o gonzo, porém, permanece imóvel no seu lugar e por isso nunca se muda. O mesmo ocorre aqui, se o compreenderes bem.<sup>8</sup>

Há um jogo em que o ser humano exterior fica cada vez mais escravo da exterioridade e o interior fica cada vez mais impulsionado para seu íntimo, na medida em que são exercitados. Como diz Mestre Eckhart (1991, p. 157), “Não há consolação carnal ou corporal que não seja nociva ao espírito, ‘pois a carne tem desejos contrários aos do espírito, e o espírito, aos da carne’”<sup>9</sup>. Malherbe (2006, p. 21) traz uma explicação relativa a esse tema:

O homem exterior é o homem introduzido em sua rede de relações, em sua vida social, em sua função ou em sua atribuição particular. E o homem em sua existência mundana é o homem que age, persegue objetivo, realiza uma obra, experimenta satisfação nas criaturas; o homem interior, em compensação, é o homem em sua essência singular de filho de Deus, é o homem na identidade profunda e verdadeira.

Em um primeiro pensar, poder-se-ia notar que Eckhart cria um tipo de dualismo, no que se refere ao homem. Sobre esse quesito pode-se tentar mostrar que essa distinção não é em verdade um dualismo, pois que o homem interior e exterior ainda são o mesmo homem, muito embora o autor os contraponha, como foi demonstrado. Porém, note-se que

Seria dualista referir ao homem exterior o terreno-corporal, e ao homem interior o celestial. Mas o dualismo demonstra ser de índole totalmente formal quando se tem em conta que se trata sempre do mesmo homem inteiro, visto desde aspectos formais em cada caso diferentes. Não se trata, pois, de “partes materiais de uma imagem do homem, senão de aspectos formais do homem inteiro” (MIETH, 1969, p. 256 apud HAAS, 2002, p. 60).

Mestre Eckhart (LW 4, p. 193) postula algo semelhante:

Note que o homem interior aparece ao mesmo tempo e no mesmo lugar que o exterior; entretanto, estão mais separados um do outro que o mais alto do céu do centro da terra. O mesmo se aplica para o calor e a forma substancial do fogo. Note que do mesmo modo, segundo Agostinho, “no homem interior habita a Verdade”, deus, cuja natureza está sempre e somente no interior e no íntimo. E se assim é deus, também são todas as coisas, pois em Deus está tudo. Note, em terceiro lugar, que o homem interior não está de nenhum modo no tempo ou lugar, senão direto na eternidade. Ali nasce Deus, ali se lhe escuta, ali está, ali fala deus e somente ele. “Bem aventurados os que estão” lá “a ouvir o verbo de deus”. Ali, o homem interior se encontra em toda sua amplitude, porque é grande sem tamanho.<sup>10</sup>

Há, também, certa correspondência dessas duas sortes de homens com o conhecimento que lhes é próprio. Ocorre que os conceitos filosóficos do mestre dominicano são sempre transversais. Note-se que no sermão 76, Eckhart (2008, p. 91) sobre o conhecimento diz que

em nossa alma há também um conhecimento voltado para as coisas exteriores, ou seja, um conhecimento sensível e compreensivo; é um conhecimento que se dá em comparações e em discursos, e que nos oculta aquele outro conhecimento. [...] Por isso, para que conheçamos alguma coisa do fato de sermos filhos de Deus, devemos distinguir entre conhecimento exterior e interior. O conhecimento interior é aquele que se funda de modo intelectual no ser de nossa alma; [...] e esse conhecimento é sem tempo e sem espaço, sem aqui e sem agora.<sup>11</sup>

Giachini (2006, p. 20-21) faz uma análise do sermão na qual pode-se tirar exemplo, quando se refere ao conhecimento externo a dizer que são

voltados para fora, para as coisas exteriores, voltados para as pontas terminais, acabadas e mais apagadas da realidade. Seu grau e sua eficiência de unificação (aproximação-distanciamento) sempre só atingem resultados, produtos, efeitos, acidentes. É um conhecimento cujo “ser” está sempre remetido a e na constante dependência de seu objeto. Importante nesse tipo de conhecimento é sempre estabelecer uma medição, pois é conhecimento quantitativo. Porque

medição é sempre um conhecimento mediato, precisa da mediação. E porque sua vigência está atrelada à mensuração do mais e do menos, o padrão a partir do qual mede é sempre aproximativo.

Pode-se seguramente notar que o conhecimento exterior é próprio do homem exterior, já que é dado na sensibilidade, e por meio de comparações e pela linguagem. Por outro lado, o conhecimento interior é aquele que se dá no ser da alma, sem tempo ou espaço, coincidindo com o homem interior. O conhecimento interior exprime o homem interior; o conhecimento exterior afirma o homem exterior. Eckhart (2008, p. 92) mesmo diz que “Deus se nos dá a conhecer e, conhecendo, ele nos faz conhecê-lo, e seu ser é seu conhecimento, e o fato de ele me fazer conhecer e de eu conhecer é a mesma coisa. [...] como é uma e a mesma coisa o fato de o mestre ensinar e o discípulo aprender.”<sup>12</sup>

Em último lugar, sobre o conhecimento interior, Giachini (2006, p. 21) diz que o homem

conhece sempre o todo, porque se descobre pertencente e sendo o todo. [...] Para o conhecimento espiritual<sup>13</sup>, a posse, o atingimento do conhecido sempre já se deu, porque renuncia a possuí-lo, a localizá-lo no tempo e no espaço. [...] Ali, a alma descasca e desliga totalmente tudo que não é Deus, e ama e é totalmente tudo que é Deus. Ama com o amar que é o próprio Deus.

No pequeno tratado *O homem nobre*, Eckhart conta seis degraus de vivência espiritual, que ele chama de homem interior, contrapondo-o com o homem exterior: “O homem exterior é o homem inimigo e mau que semeou e lançou o joio”<sup>14</sup> (ECKHART, 1991, p. 91) Antes mesmo, Eckhart (1991, p. 90) irá defini-los, inclusive ressaltando a presença dessa distinção na escritura:

Ao homem exterior pertence tudo aquilo que se prende à alma, e contudo está revestido de carne e misturado com ela e (por isso) opera justamente com e em cada órgão corporal, com o olho, por exemplo, ou com o ouvido, a língua, a mão, etc. A isso tudo a Escritura chama de homem velho, homem terreno, homem exterior, homem inimigo, homem servil. O outro homem que há em nós é o homem interior; e este, a Escritura lhe chama homem novo, homem celeste,

homem jovem, amigo, e homem nobre. E é deste que fala Nosso Senhor ao dizer que “um homem nobre partiu para uma terra distante e tomou posse de um reino e voltou”.<sup>15</sup>

O autor elenca seis níveis de nobreza, como um itinerário da alma que se desprende da exterioridade. Esses graus ou degraus podem ser compreendidos como uma ascensão do homem, ao se voltar cada vez de maneira mais aprofundada ao seu homem interior. Então são níveis de fortalecimento do homem interior. O primeiro se dá através do seguimento de modelos, como os santos. O segundo se dá quando o homem já não se detém mais no que seja exterior, mas cujo olhar também busca e segue os ensinamentos de Deus, voltando-se a ele.

O terceiro degrau é uma tomada de liberdade, quando a alma está determinada a seguir a Deus, dedicando-se a ele, já experimentando sua bem-aventurança. O quarto nível é o crescimento dessa harmonia, dessa determinação. Nele, o homem já sente gosto e prazer ao buscar Deus, e enfrenta a tentação e as provações com grande alegria. O quinto e penúltimo degrau consiste na vivência na paz anterior, na tranquilidade da sabedoria divina. Mas a respeito do sexto e último degrau, convém deixar o próprio Eckhart (1991, p. 93) descrever:

O sexto degrau consiste no despojar-se da imagem (humana) e no revestir a imagem da eternidade divina, pelo esquecimento total e perfeito da vida transitória e temporal, de modo tal que, feito filho de Deus, e atraído por Deus, o homem se transmude em imagem de Deus. Degrau ulterior ou mais elevado não há. E ali reinam a paz e a bem-aventurança eternas, pois o fim último do homem interior e do homem novo é: a vida eterna.<sup>16</sup>

Mestre Eckhart não se furta de flertar sempre com o limite da linguagem. Essa última descrição do sexto degrau marca um momento em que o autor tenta descrever beirando o indizível. Está aí o ponto para o qual o homem interior está inclinado – e é essa a razão de ser da distinção entre interior e exterior.

**Jacob Boehme**

Para que se entenda melhor como Jacob Boehme aborda o tema da interioridade-exterioridade faz-se mister, antes de tudo, compreender a antropologia do autor. O homem interior, segundo Eckhart, é o homem divino, regenerado<sup>17</sup> em Cristo, enquanto que o homem exterior é o homem carnal, mundano, adâmico. Se não se tratasse de um só e mesmo homem, compreendido sob duas perspectivas, e interpretasse-se tal distinção dualisticamente, cair-se-ia facilmente em uma espécie de gnosticismo, onde o homem interior permaneceria intocado, puro, não importando em que condição se colocasse o homem exterior. Esse tipo de interpretação parece ser precisamente o que Boehme pretende evitar.

Primeiramente, o filósofo teutônico – como também é chamado – aborda o homem, assim como todo o universo, como dividido em três princípios. Convém falar sobre eles começando, antes de tudo, pelos dois primeiros. Os dois primeiros princípios pertencem ao plano da interioridade. O primeiro é o princípio obscuro, infernal, representado pela lei, pela justiça e pela cólera divina, isto é, a mão esquerda de Deus; e o segundo é o princípio luminoso, celeste, angélico, representado pela misericórdia ou a graça de Deus em Cristo e pela mão direita de Deus. Estes dois princípios são análogos aos lados esquerdo e direito da Árvore Sefirótica da mística judaica (*Kaballah*)<sup>18</sup>.

Assim como a Árvore Sefirótica é composta de diferentes *sephiroth* – que seriam emanações ou mesmo manifestações que procedem do Deus inefável (*AinSoph*) –, cada um dos dois princípios também são compostos por diferentes formas ou – como chama o autor em outras ocasiões – propriedades ou ainda espíritos-fontes. Como nos aponta Marques (2013, p. 113-115), as sete formas são: adstringência, amargor, angústia, fogo, amor, som (ou harmonia) e tangibilidade. As quatro primeiras pertencem ao primeiro princípio (o infernal), e os três últimos ao segundo (o celestial). Cada forma deve ser entendida como diferentes estágios da manifestação de Deus, que sai da sua completa inefabilidade primordial (onde Deus é chamado de *Urgrund*, conceito equivalente ao de *gotheit*, em Eckhart, isto é, o nada), começa a se manifestar no primeiro princípio e se manifesta plenamente (ou substancialmente) no segundo, onde

todas as suas sete formas se apresentam em perfeita harmonia e equilíbrio.

Esse processo de manifestação não deve ser entendido em sentido temporal, como sucessão, ou como se Deus tivesse partes e fosse divisível, mas como algo que se dá na eternidade, na totalidade do ser de Deus. Como afirma Martensen (2012, p. 53),

Boehme frequentemente repete que, a fim de entender e representar a Geração de Deus (o processo Teogônico), deve-se ter sempre em mente que isso não se dá de uma forma temporal, em Sucessão, mas em uma forma eterna, em Simultaneidade, ou, tudo de uma vez, em um ciclo infinito ou movimento circular.

E os dois primeiros princípios não devem ser tomados como dois lados contrapostos de Deus, mas de lados complementares, que se harmonizam em Deus, e que só se distinguem na medida em que o homem, enquanto ser intermediário, se direciona a um ou a outro dos lados, isto é, se coloca em situação de inimizade com Deus, afirmando sua eguidade e recebendo como manifestação de Deus sua cólera e justiça, ou em situação de amizade com Deus, se colocando em harmonia com a totalidade do ser de Deus e recebendo como manifestação de Deus seu amor, graça e misericórdia (*Barmherzigkeit*).

Para Boehme (2003, p. 557), os dois primeiros princípios, que são o inferno (a manifestação de Deus sem sua luz) e o Céu (a plena manifestação de Deus), pertencem ao mundo espiritual. O terceiro princípio seria o último princípio a ter sido criado, isto é, o mundo físico, material, espaço-temporal e exterior, que captamos pelos cinco sentidos, que seria um princípio entre o primeiro e o segundo, significando o estado intermediário do mundo, nem completamente bom, nem completamente mau. Seria resultante da quinta forma (o Amor), ou quintessência, de onde sairiam os quatro elementos que constituiriam o mundo. Stoudt (2006, p. 109), sobre o conceito de princípio, afirma que

Para Boehme princípio é um nascimento, um modo de atividade divina, uma fonte de vida, um modo de revelação divina. Cada princípio suporta e governa um mundo: a cólera deu o inferno, o amor deu o paraíso, e a vida o mundo sensível.

O homem, na medida em que é dotado de alma e corpo, participa dos três princípios: pela alma o homem tem acesso aos dois primeiros princípios, tanto o infernal quanto o celestial; e pelo corpo o homem tem acesso ao terceiro princípio, isto é, à exterioridade, ao mundo material, captado pelos cinco sentidos.

Como se pode notar, o reino infernal e o reino celestial não são entendidos como lugares para onde a alma vai após a morte, isto é, um lugar onde a alma entra, como se o céu e o inferno pertencessem à espaço-temporalidade (que é uma característica da matéria), mas como sendo condições interiores da alma. No opúsculo *Sobre o Céu e o Inferno* de 1622, Boehme (1994, p. 105-106) diz:

A alma tem o céu e o inferno dentro de si; ela apenas se separa da vida exterior e mortal do corpo. É como está escrito: O reino dos céus não vem com aparência visível; nem se dirá ei-lo aqui ou ali, porque o reino de Deus está dentro de vós [Luc.17:20,21]. Assim, a alma se estabelecerá no que quer que se manifeste em ti, seja o céu ou o inferno. (...) Entenda, pois o que é o céu, e onde está: é somente a vontade dirigida ao Amor de Deus; onde quer que O encontres manifestando-Se no amor, aí encontrarás o céu, sem que para isso seja preciso dar um só passo. Entenda também o que é o inferno, e onde está: é somente a vontade dirigida à Cólera de Deus; onde quer que se manifeste, com maior ou menor intensidade, aí certamente encontrarás o inferno.

Desse modo, fica claro que o céu e o inferno pertencem, para Boehme, ao mundo da interioridade<sup>19</sup>, enquanto que a exterioridade é algo que diz respeito apenas ao corpo. O homem, na medida em que se volta para Deus e vive em harmonia com Deus, tem o céu dentro de si, mesmo que no tocante ao homem exterior passe pelas piores situações, condição interior esta que se concretiza plenamente e se eterniza quando o princípio exterior se desfaz. Do mesmo modo o homem possui o inferno dentro de si na medida em que se põe em estado de inimizade com Deus, mesmo que exteriormente viva bem ou possua um aspecto de piedade, situação interior esta que também se consolida e se eterniza após a morte do corpo. Após o fim do homem exterior, o homem interior se vê eternamente no princípio com o qual se qualificou durante a vida terrena.

Assim, o homem, tal como a criação, teria em si mesmo todos os três princípios, sendo propriamente um espelho do universo (um microcosmo), sendo que um dos princípios interiores (o primeiro e o segundo) se torna dominante, trazendo o céu ou o inferno ao homem interior, e sendo o terceiro princípio, isto é, o homem exterior, transitório e temporal. Um princípio se torna dominante no homem na medida em que o homem se qualifica com ele, isto é, se impregna com ele. Segundo Sommerman (2011, p. 477), Saint-Martin em seu prefácio à edição francesa da *Aurora Nascente* define o termo “qualificar-se” como “o concurso ativo e simultâneo das diversas faculdades (...), de onde resulta para elas uma impregnação recíproca”.

O homem, enquanto participante do mundo exterior, também se encontra, tal como este, em um estado intermediário, entre o primeiro e o segundo princípio, isto é, nem é completamente bom, nem completamente mau, podendo se direcionar para um ou para outro princípio, recebendo a justiça (o inferno) ou a graça (o céu) de Deus. No prefácio dos *Três Princípios da Essência Divina* o autor diz:

Ora, uma vez que o homem sabe que é um ser misto, dividido entre o bem e o mal, e que ambos são sua possessão – e que é, no entanto, um só homem, que é bom e mau, e que deve receber a sua recompensa de ambos; que conforme o lado ao qual se voltar nesta vida, para ele sua alma se dirigirá quando ele morrer, e que, quando o Juízo Final ressuscitará em força e potência nas obras que fez aqui e nelas viverá eternamente, nelas será glorificado e nelas encontrará sua fonte e seu perpétuo alimento -; então é extremamente útil que procure se conhecer e saber por que foi criado, de onde lhe vêm os impulsos para o bem e para o mal, o que são o bem e o mal em si mesmos, e o que os move. (BOEHME, 2003, p. 21-22)

E na *Aurora Nascente* de 1612, Boehme (2011, p. 26) diz:

Mas como o homem tem um impulso ou inclinação para ambas as qualidades, isto é, para o mal e para o bem, pode vincular-se àquela que lhe agrada; pois neste mundo ele vive entre ambas, e as duas qualidades, boa e má, estão nele.

Boehme, não obstante tenha permanecido luterano ao longo de toda sua vida, em alguma medida parece contrariar a ortodoxia luterana, colocando certa ênfase no livre-arbítrio como uma capacidade inerente ao homem de voltar-se, por si mesmo, a Deus, posto que possui dentro de si mesmo o princípio celeste, embora muitas vezes obscurecido pela exterioridade e pelo primeiro princípio que se torna dominante.

Ao contrário de grande parte dos filósofos cristãos, para Boehme, não é a razão a faculdade humana que seria responsável por direcioná-lo para o bem ou para o mal. Boehme, como místico, põe pouca ênfase no poder da razão, quase sempre retratando-a como algo negativo, incapaz de compreender as coisas de Deus e muito mais relacionada com a exterioridade. Segundo Hartmann (2010, p. 35),

É auto-evidente que se desejamos alcançar uma contemplação daquilo que é divino e eterno, devemos antes de tudo não deixar de acreditar na possibilidade de que algo divino e eterno existe ou pode se revelar na constituição do homem. Este princípio espiritual no homem é superior ao homem animal e racional; superior ao corpo material, e superior ao intelecto argumentativo; ele não precisa raciocinar ou adivinhar; ele percebe e sabe.

Para o filósofo teutônico a faculdade no homem que desempenha um papel fundamental no direcionamento da alma tanto para o bem quanto para o mal é a imaginação. Quando o homem coloca sua imaginação na luz, ele qualifica-se com a luz, e quando coloca sua imaginação no mal, qualifica-se com o mal. Segundo o autor

(...) se a alma eleva e dirige sua imaginação para a Luz, na doçura e na humildade, e não emprega sua poderosa força de fogo para qualificar-se da mesma maneira que Lúcifer fez, então ela será alimentada pelo Verbo de Deus e tirará sua força, sua vida e sua virtude do Verbo de Deus, que é o coração de Deus. (BOEHME, 2003, p. 54)

Mas diante do fato de que o homem interior pode se direcionar para qualquer um dos dois princípios interiores, a questão que fica é: como o terceiro princípio se relaciona com os outros dois neste direcionamento da alma para o primeiro ou

para o segundo princípio? Aqui Boehme parece seguir a mesma linha que Eckhart. Na medida em que o homem consegue anular seu homem exterior, isto é, seu *Ego*, calar sua vontade própria, sua ganância, concupiscência etc., isto é, tirar de si todas as coisas exteriores e criaturais, ele necessariamente entra em comunhão com Deus, se qualificando com o segundo princípio. Na medida em que o homem enche a si mesmo com toda sorte de criaturas e afirma sua egoidade e vontade própria, ele se distancia de Deus e se qualifica com o princípio infernal. No opúsculo *Sobre a Vida Suprassensível*, de 1622, Boehme (1994, p. 67-68) diz:

quando puderes lançar-te, ainda que por um instante, ao lugar jamais habitado por criatura alguma, então escutarás o que Deus fala. (...) E, se por um momento, pudesses cessar de todo teu pensamento e vontade, escutarias as impronunciáveis palavras de Deus. (...) Quando detiveres o pensamento e a vontade da tua egoidade, quando tanto teu intelecto quanto tua vontade estiverem calmos e passivos ante as impressões da Palavra e do Espírito eternos, quando tua alma voar acima da temporalidade e dos sentidos exteriores, e tua imaginação for capturada pela abstração santa, então a audição, a visão e o falar eternos serão revelados a ti: Deus, Ele mesmo, ouvirá e verá através de ti, pois nesse momento és um órgão de Seu Espírito, e Deus fala de ti e sussurra em teu espírito, e teu espírito escuta Sua voz.

Como se pode perceber, Boehme relaciona o homem exterior à egoidade (*Ichheit*), isto é, à alteridade, mediante a qual o homem se diferencia de Deus e se afirma enquanto ser individuado, com vontade própria. O homem voltado para a egoidade é o homem cheio das criaturas exteriores, voltado para fora, que se inclina para as coisas sensíveis no intuito de saciar sua vontade individual, sua cobiça e concupiscência. Na medida em que o homem se esvazia das coisas exteriores e anula sua vontade própria, ele pode ter um contato direto com Deus. Boehme (1998, p. 55) diz em *Da Contemplação Divina* de 1622, em relação ao homem que, “se fosse capaz de permanecer quieto para sua vontade própria e para sua palavra interior por uma hora ou até menos, a Vontade divina falaria nele”, e em *As Quarenta Questões Sobre a Alma* de 1620, “se a alma tira sua imaginação de si (...) e a coloca na Luz de Deus, então ela

recebe a Luz, como a Lua recebe o brilho do Sol” (BOEHME, 2005, p. 21).

Tal como em Eckhart, para Boehme Deus deve ser procurado no interior, e não na exterioridade, no mundo criatural, dos cinco sentidos. Como diz o próprio Boehme (2003, p. 93), “onde queres ir buscar a Deus? Busca-O apenas no interior de tua alma, que provém da Natureza eterna, na qual está o *engendramento* divino”. O processo pelo qual o homem sai da exterioridade e volta-se para sua interioridade, onde pode encontrar Deus, implica em um desprendimento das coisas exteriores, pelas quais o homem sacia suas inclinações carnis, do seu homem exterior, egóico. Tal como Eckhart, Boehme permanece fiel a Santo Agostinho em sua ênfase interiorista. O movimento contrário, isto é, a inclinação do homem para a exterioridade e para as coisas efêmeras, ilusórias e criaturais, é o que constitui nele uma qualificação com o princípio infernal.

Assim sendo, o homem interior, no sistema de Boehme – se assim podemos dizer – não permanece intocado, como talvez possamos interpretar do pensamento de Eckhart, mas pode se tornar tanto angélico quanto bestial. O conceito-chave que Boehme traz nesse processo é o de qualificação. A alma, isto é, o homem interior, se qualifica com as demais coisas, isto é, torna-se semelhante a elas na medida em que as coloca dentro de si e se preenche com elas. Nesse sentido a alma pode qualificar-se com Deus ou com coisas inferiores, múltiplas e transitórias, tornando-se semelhante ao que ela põe dentro de si.

É importante frisar, todavia, que esta condição intermediária no qual o homem se encontra é uma condição do homem caído. Boehme, em suas longas reflexões sobre os primeiros capítulos do Gênesis, diz que o homem foi criado, de corpo e alma, puro, a partir do princípio celeste, tal como os anjos, isto é, era um ser essencialmente bom e que apenas após a queda de Adão o homem teria caído para o estado intermediário, se tornando bom e mau, e seu corpo se tornado grosseiro, carnal e mortal, se misturando com os quatro elementos e deixando de ter acesso à Árvore da Vida, como diz o Gênesis. Os quatro elementos seriam uma objetivação, exteriorização, ou, como diz o próprio Boehme, uma extrageração do elemento puro, a *quintessência*, ou elemento celeste. Assim, após a queda o homem passa a viver na exterioridade, condição essa que será reparada quando este terceiro princípio for desfeito e houver

uma reparação da natureza perdida do homem (no caso dos santos) e a completa e definitiva separação do bem e do mal.

### **Conclusão**

Prova-se, portanto, que a temática do homem interior e exterior está abundantemente presente nas bibliografias de Mestre Eckhart e Jacob Boehme, e que se estabelece como chave para uma abordagem antropológica, pois deve ser entendida como um princípio integrador, e que monta um jogo de tensões que ulteriormente revela toda a dramaticidade da vida, explica todas as angústias, apetites e provações pelas quais a alma passa.

Uma característica que poder-se-ia apontar nesse princípio integrador entre interioridade e exterioridade é o fato de o mundo da exterioridade – isto é, o mundo físico, captado pelos cinco sentidos – não ser dissociado do mundo interior; e em Boehme, criado a partir do interior. Tal concepção, aliada ao idealismo transcendental de Kant e ao monismo spinozano seria determinante influência para a filosofia do idealismo alemão.

Tal temática se coloca, portanto, como elemento de consolidação da tradição filosófica alemã. Colocando Deus como acessível apenas mediante um voltar-se do homem para dentro de si mesmo, percebe-se Deus no íntimo do homem. Deus não se encontra fora do homem, tampouco numa dimensão ainda mais distante dele do que o próprio mundo da exterioridade, mas se encontra tão próximo dele quanto ele mesmo, em seu interior. Este imanentismo marcante em Eckhart e Boehme, e que também será marcante na filosofia posterior, sobretudo no idealismo alemão, pode soar a ouvidos cristãos mais ortodoxos como um tipo de panteísmo ou ainda um subjetivismo. Não excluindo estas interpretações, é importante levar em conta, contudo, que mesmo em autores como Santo Agostinho o interiorismo, que traz em si mesmo a marca do imanentismo, assume um ponto central, diluindo, assim, a dualidade entre a ortodoxia cristã e a mística.

Finalmente, é importante ter em mente que nas filosofias tanto de Boehme quanto de Eckhart dificilmente um conceito aparece isolado. Os conceitos de interioridade e exterioridade se relacionam com uma série de outros, definindo, dentro dos pensamentos dos autores, não apenas uma antropologia, mas

uma ética, uma soteriologia etc., quase sempre recorrendo a uma hermenêutica ou exegese do texto bíblico.

### **Referências**

- AGOSTINHO, Santo. *De Magistro (Coleção Os Pensadores)*. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- BÍBLIA SAGRADA. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011
- BOEHME, J. *A Revelação do Grande Mistério Divino*. São Paulo: Polar Editorial, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A Sabedoria Divina: O caminho da Iluminação*. São Paulo: Attar, 1994
- \_\_\_\_\_. *As Quarenta Questões Sobre a Alma*. São Paulo: Polar Editorial, 2005.
- \_\_\_\_\_. *A Aurora Nascente*. 3ª ed. São Paulo: Polar Editorial, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Os Três Princípios da Essência Divina*. São Paulo: Polar Editorial, 2003
- ECKHART, Meister. *Die deutschen und lateinischen Werke*. Stuttgart: Kohlhammer, 1936s. Publicado pela Deutsche Forschungsgemeinschaft. 12 volumes.
- \_\_\_\_\_. *Sermões alemães: sermões 1 a 60*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Sermões alemães: sermões 61 a 105*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2008.
- \_\_\_\_\_. *O livro da divina consolação e outros textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- GIACHINI, E. P. Introdução. In: ECKHART, Meister. *Sermões alemães: sermões 1 a 60*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2006.
- HAAS, A. M. *Maestro Eckhart: figura normativa para la vida espiritual*. Barcelona: Empresa Editorial Herder, 2002.
- HARTMANN, Franz. *The Life And Doctrines Of Jacob Boehme The God-Taught Philosopher*. Whitefish, MT: Kessinger Publishing, 2010.
- MALHERBE, J. *Sofrer Deus: a pregação de Mestre Eckhart*. Aparecida: Editora Santuário, 2006.
- MARQUES, Adílio Jorge. *Introdução ao pensamento de Saint Martin & Jacob Boehme*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Sapere, 2013.

MARTENSEN, Hans Lassen. *Jacob Boehme: His Life and Teaching, or Studies in Theosophy*. Lexington, KY: Forgotten Books, 2012.

SOMMERMAN, A. Glossário. In: BOEHME, J. *A Aurora Nascente*. 3ª ed. São Paulo: Polar Editorial, 2011.

STOUDT, John Joseph. *Sunrise To Eternity: A Study In Jacob Boehme's Life And Thought*. Whitefish, MT: Kessinger Publishing, 2006.

---

<sup>1</sup> Cf. Rm 7,22.

<sup>2</sup> Cf. 2Co 4,16.

<sup>3</sup> Cf. Ef 3,16.

<sup>4</sup> As citações das obras de Eckhart quase sempre serão das edições da editora Vozes, de 1991, 2006 e 2008, em português, com exceção de traduções dos autores do artigo. Será feita referência em nota de rodapé da edição crítica, organizada em sua maior parte por Josef Quint. Essa referência se dará da seguinte forma: DW se referirá às obras alemãs, enquanto que LW se referirá às obras latinas. Em seguida pôr-se-á o número do tomo, seguido pela página. Por exemplo: "DW 1, p. 142" indica o primeiro tomo das obras alemãs, página 142.

<sup>5</sup> "Distinguitur homo exterior et interior. Exterior, vetus, terrenus, huiusmundi, veterascit 'de die in diem'. Finis eius mors, egressus sacramentis et doctrinae insensibilibus, Psalmus: 'omnis homo mendax'. Quia quantum habet de alio ab intellectu, tantum habet de falso. Homo autem interior, novus, caelestis, in quo deus illuminat."

<sup>6</sup> Cf. DW 5, p. 543-544.

<sup>7</sup> Cf. DW 5, p. 544.

<sup>8</sup> Cf. DW 5, p. 544.

<sup>9</sup> Cf. DW 5, p. 431.

<sup>10</sup> "Nota quod homo interior ab homine exteriori, quamvissimul videantur loco, plus tamen distans quam caelum multum a centro terrae. Sicut etiam est de calore et forma substantiali ignis. Item nota quod 'in homine interiori', secundum Augustinum, 'habitat veritas', deus, cuius natura est semper et solum esse intus et in intimis. Quod si deus, utique et omnia. In deo enim sunt omnia. Tertio nota quod interior homo nullo modo est in tempore aut loco, sed prorsus in aeternitate. Ibi oritur deus, ibi auditur, ibi est, ibi loquitur deus et solus. 'Beati qui' ibi 'audiunt verbum dei'. Ibi homo interior spatiosissimus est, quia magnus in magnitudine."

<sup>11</sup> Cf. DW 3, p. 315-316.

<sup>12</sup> Cf. DW 3, p. 320-321.

<sup>13</sup> Conhecimento espiritual é o termo usado para se referir ao conhecimento interior.

<sup>14</sup> Cf. DW 5, p. 110.

<sup>15</sup> Cf. DW 5, p. 109.

<sup>16</sup> Cf. DW 5, p. 112.

<sup>17</sup> Em sentido etimológico, que recuperou seu gene, o que se é, o essencial.

<sup>18</sup> Convém dizer que, apesar das aproximações que geralmente são feitas entre a filosofia de Boehme e a mística judaica, parece não haver nenhuma evidência de que Boehme tenha tido alguma influência desta tradição.

<sup>19</sup> Para detalhes acerca da questão do céu (Himmel) e inferno (Hölle) em Mestre Eckhart, conferir RASCHIETTI, M. *MeisterEckhart e o Paradisus anime intelligentis*. **Mirabilia**, v. 12, 2011.